

Apologia do erotismo

A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira

SOARES, Angélica

Rio de Janeiro: DIFEL, 1999

A autora realizou o prodígio de construir um livro em que todos os textos inseridos se integram e, portanto, merecem ser lidos: desde as orelhas, de autoria de Susana Bornéo Funck, passando pela apresentação ("O ser poético"), feita por Nádia Battella Gotlib, não esquecendo o prefácio de Ria Lemaire e o esclarecimento da própria autora ("Ao encontro de Eros: esclarecendo o percurso"). Isso se deve ao fato de terem sido escolhidas, para participar da edição, pesquisadoras familiarizadas com a teoria crítica feminista, figuras de projeção do GT da ANPOLL, *A Mulher na Literatura*. O texto de Susana enfatiza o caráter libertário do erotismo e aponta para as "relações entre erotismo, poesia e a condição social da mulher", tão bem analisadas por Angélica Soares. Concordo com Nádia quando diz que o livro "pode ser lido como uma antologia — comentada criticamente — da poesia erótica feminina brasileira"; e isso acontece, sobretudo, na primeira parte, onde Angélica articulou, com maestria, teoria e crítica, com base em inúmeras produções poéticas de variada autoria. Ria Lemaire, falando da fusão entre erotismo e criação literária, revela como o desejo imperativo pode ser fonte de poesia e, como a autora mostrou com clareza, da relação entre experiência erótica e Natureza. O esclarecimento dado por Angélica cumpre sua função, uma vez que justifica a importância da "temática erótica" e "o sentido sócio-existencial de sua textualização". Assumindo a primeira pessoa, a autora aponta os caminhos teóricos que serão percorridos, guiada pela teoria crítica feminista e, sobretudo, pela ecosofia, de Félix Guattari; diz ter optado pela "conjugação de teoria e crítica", o que de fato realizou, magistralmente.

O trabalho se divide em duas partes, sendo a primeira uma exposição teórica que se articula com a leitura de textos poéticos, e a segunda formada pela reunião das análises das obras de Gilka Machado, Olga Savary e Adélia Prado. Para

dar um acabamento a essa estrutura tripartida, teria sido interessante acrescentar um capítulo final, à guisa de conclusão; pertencendo as três poetisas estudadas a épocas e espaços diferentes, a contextualização dessas obras, dentro de uma perspectiva comparativa, acrescentaria muito ao bom nível do trabalho. Fazendo *pendant* com o esclarecimento inicial, ficaria bem uma conclusão final.

Já se fez referência à perfeita articulação entre teoria e leitura crítica dos textos poéticos, mas vale a pena ilustrar com a análise feita pela autora do poema de Marly de Oliveira "O sangue na veia, XXIX"; a leitura crítica aponta, com clareza, para o "dinamismo erótico", responsável pela eterna inquietude e insatisfação. E, lembrando Bataille, a autora se refere à busca da continuidade, embora a descontinuidade permaneça intacta. E, de fato, é o que sugerem os versos de Marly de Oliveira: "De repente eu não caibo mais em mim / De repente eu me torno plena e obscura, / como um rio de cheias muito altas, / que fosse para além do seu limite, e não soubesse o que fazer das águas".

Angélica recorre ao pensamento freudiano, onde a questão do desejo é "nuclear", como diz ela, para explicar a eterna insatisfação, uma vez que "o desejo só se satisfaz ilusoriamente". Esse também é o pensamento de Schopenhauer, para quem o homem é escravo do desejo. Vários textos de Machado de Assis estão impregnados por esta visão negativa; basta lembrar o capítulo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* — "O delírio" e o conto de *Várias Histórias* — "A desejada das gentes". Aqui, o narrador abraça pela primeira vez a noiva tão desejada, "feita cadáver" e, lá, o homem corre atrás da "quimera da felicidade" e esta lhe foge perpetuamente, "ou deixava-se apanhar pela fraída, e o homem a cingia ao peito, e então ela ria, como um escárnio, e surtia-se, como uma ilusão". É sempre o desejo dominando o ser humano, gerando a eterna insatisfação. Como muito bem lembra a autora, para Freud há o desejo de preencher a falta, para Bataille trata-se da descontinuidade do ser e para Platão da incompletude da natureza humana. Não há mesmo saída...

O império do desejo ocasiona, muitas vezes, a submissão. Na "procura incessante de atingir o inatingível", como diz a autora, o eu poético se submete: "Para o homem com a flauta, / sua boca e mãos, / eu fico calada, / Me viro em dócil, / sábia de fazer com veludas / uma caixa"; como vemos

no poema de Adélia Prado, "Uma vez visto". O erotismo poderia, então, ser considerado uma faca de dois gumes: liberador e aprisionador, uma vez que mantém o sujeito sempre preso ao objeto desejado...

No capítulo intitulado "Consciência literária do Erotismo e Consciência erótica do Literário: uma irresistível atração", Eros é apresentado como "força criadora" e o erotismo como "força de realização estética"; as inúmeras poesias, que constituem o *corpus* com que trabalha a autora, são uma excelente prova disso. Nos inúmeros textos de poetisas brasileiras, por sinal de ótima qualidade, o erotismo pode ser visto como a força motriz da realização estética. Se é pela libertação do sistema que se instaura a literariedade, a relação erotismo / criação literária fica bem clara, uma vez que a experiência erótica, para o gênero feminino, ainda se constitui numa transgressão. É admirável a força poética desses textos, onde o erotismo é trabalhado através de metáforas e símiles de grande beleza. A autora estabelece uma feliz relação entre os metapoemas e a formulação erótica, apontando para o papel da nudez na busca da continuidade do ser e do desnudamento da criação literária.

O lado emancipador do erotismo se concretiza, de fato, no capítulo intitulado "Contatos inquietantes entre erotismo, feminismo e ecologia". Fazendo uso da ecosofia, de Felix Guattari, segundo a qual o equilíbrio global inclui a ecologia do meio ambiente, a ecologia social e a subjetividade humana, Angélica estabelece uma estreita relação entre erotismo e ecologia. Aqui, a teoria crítica feminista fornece os elementos necessários. Com base nas pesquisas de Rose Marie Muraro e Branca Moreira Alves, que enfatizam o papel da repressão sexual no "esmagamento" anti-ecológico, a autora aponta para a realidade social; diz ela: "A mulher que pensa e diz o erotismo livremente é a mesma que pensa e diz o seu papel, enquanto construtora da sociedade. São faces do mesmo processo. O autoconhecimento erótico leva ao conhecimento do outro e do mundo, e à consciência do poder de transformá-lo com vontade própria" (p. 58). A experiência erótica, levando ao conhecimento do mundo, possibilita a transformação do *status quo*; esse o lado emancipador do erotismo.

A importância da Natureza, no processo de libertação da mulher, é vista pela autora como um caminho para "harmônicas convivências"; diz ela que "todo esse trabalho poético de libertação das estratégias opressoras se faz pela inserção do ser humano na Natureza" (p. 89). Já em Clarice Lispector, a dicotomia Natureza / Civilização se constitui elemento estruturante das narrativas, uma

vez que a Civilização é a responsável pela domesticação da mulher, enquanto a Natureza responde pelo seu lado selvagem e, portanto, menos oprimido. Agora, se ela pode propiciar as tais "harmônicas convivências" é outra questão, que foi também levantada por Nádia, em seu texto "O ser poético", quando diz: "a autora detecta nos meios poéticos uma substancial economia libidinal, dirigida no sentido do compartilhamento, da 'solidariedade radical': não da concorrência em acirrado jogo de poder e sectarismos, mas na trilha e no encaicho das tais ambicionadas 'convivências harmônicas'". E pergunta: "Mais uma utopia?" Provavelmente, sim...

Na segunda parte do livro, a autora se dedica, separadamente, ao estudo das obras de Gilka Machado, Olga Savary e Adélia Prado. Como não há um capítulo final, fechando esses três textos, a primeira parte ganha em coesão e riqueza do *corpus*. Esta segunda parte, sob certos aspectos, fica esvaziada, uma vez que aquelas poetisas aparecem já na primeira parte com vários poemas. Mas, em compensação, as análises são feitas em profundidade, acrescentando novos dados e apontando para as peculiaridades do erotismo de cada uma delas. Em Gilka Machado, a autora detecta um "contraditório avanço", pois se ela, com sua poesia transgressora, representa um marco na libertação da mulher, guarda ainda traços de submissão. Fica muito bem justificada a escolha de Gilka Machado e vale, aqui, repetir as palavras da autora sobre a importância desta poetisa no processo emancipatório da mulher: "Revisitá-la hoje torna-se imprescindível, se quisermos investigar as limitações e os avanços do tema do erotismo na produção literária de autoria feminina, bem como reconstituir a caminhada da mulher na luta pela emancipação" (p. 116).

A diferença na extensão dos capítulos dedicados às três poetisas deve-se, talvez, ao fato de os estudos sobre Gilka e Adélia serem versões revistas e ampliadas de textos anteriormente publicados; o que não acontece com o ensaio sobre Olga Savary, por isso, menos extenso. Aqui, a autora trabalha a metalinguagem erótica de vários poemas do livro *Linha d'água*, onde se evidencia, a partir do título, o "caráter fluido e simultaneamente consistente da linguagem", como observa Angélica. Explorando a plasticidade da língua tupi, a poetisa reinventa o erotismo, criando uma poesia nem sempre passível de uma abordagem conceitual.

Angélica inicia seu estudo sobre Adélia Prado falando sobre o "misticismo e o erotismo" na obra da poetisa de Divinópolis. Diz ela que Adélia

relaciona "vivência mística e erótica", integrando o "sentimento religioso às sensações corporais" (p. 125). Parece-nos, contudo, mais adequado substituir misticismo por religiosidade; isto porque as "sensações corporais" são dominantes, materializando, constantemente, o sentimento religioso. Em "Festa do corpo de Deus", lembra o eu poético que "Jesus tem um par de nádegas!" e, como observa Angélica, o poema "se estrutura como um cântico ao 'amor do corpo', do corpo de Cristo pregado na Cruz" (p. 127). Essa materialização do divino, até certo ponto, desmistifica o sagrado, trazendo-o para a realidade terrena, onde, freqüentemente, se confundem. Ao abandonar as abstrações, o discurso poético adeliانو diviniza o homem e materializa Deus e, como muito bem lembra Angélica, a força do desejo "atravessa a lírica erótico-religiosa adeliانو" (p. 134), impregnando sua poesia de uma sensação corpórea, distante da espiritualidade mística.

Muito bem colocada é a questão do regionalismo na poesia de Adélia. De fato, a cultura mineira, sobretudo do interior, aqui representada por sua cidade natal, é elemento estruturante de seus textos poéticos. Uma vez que se considera regionalista o texto que apresenta uma relação íntima e substantiva com a realidade física, humana e cultural da região em pauta, pode-se, de fato, considerar regionalista a poesia de Adélia; mas esse regionalismo nada tem de redutor, como observa Angélica, pois "sua poesia, longe de limitar-se a um registro localista e exótico, alcança sempre dimensões essenciais do ser humano" (p. 143).

Em junho de 2000, o Instituto Moreira Sales publicou, fazendo parte dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, o número 9, dedicado a Adélia Prado. Como os números anteriores, esse tem excelente apresentação gráfica e bons ensaios sobre a poesia adeliانو, sem falar na entrevista, já tradicional neste tipo de publicação. O ensaio de maior fôlego é assinado por Antonio Hohlfeldt, intitulado "A epifania da condição feminina" e tem todas as marcas de um texto de autoria masculina, a partir do fato de se referir à Adélia como poeta... Diz o ensaísta, a propósito das primeiras produções da poetisa: "Por outro lado, quebra, aparentemente, toda a dicção libertária, feminina e feminista, então

vigente" (p. 73)! A questão do erotismo é apenas mencionada e, em nenhum momento, considerada, como a religiosidade, elemento integrante da força criadora. Para Hohlfeldt, é mais um tema como tantos outros: "Permanecem aqui, por outro lado, os temas já antes desenvolvidos. O forte erotismo de alguns poemas, a presença das cores, a perspectiva esperançosa da felicidade em vida, a decisão de ser ela mesma, a expectativa da redenção humana" (p. 86).

Sentimos necessidade de nos alongarmos sobre este ensaio para mostrar a originalidade da leitura feita por Angélica Soares, que revela a dinâmica erótico-religiosa no processo criativo do lirismo adeliانو; como seu trabalho faz parte da bibliografia incluída nessa publicação -- "Ensaíos e artigos incluídos em livros" -- fica-nos o consolo de que pode ser uma valiosa pista para os estudiosos da poesia de Adélia.

Ensaíos sobre escritores/as vivos/as, correm sempre o risco de não privilegiar toda a obra, uma vez que a produção continua em curso. No caso de Olga Savary, Angélica fez, *a priori*, um recorte, optando pelo livro *Linha d'água*; mas, no caso de Adélia, sua intenção foi trabalhar com a produção lírica da poetisa mineira. Ora, *Oráculo de maio* surge no início de 99, quando o ensaio de Angélica já estava praticamente pronto. Embora o livro não acrescente nenhuma novidade à criação lírica adeliانو, sua não inclusão, por motivos óbvios, deixa uma sensação de incompletude.

Para finalizar, gostaríamos de levantar a questão que, de algum modo, já foi colocada: o livro de Angélica faz, sem dúvida, a apologia do erotismo, como força emancipatória. Mas, deixando livremente aflorar o desejo, não se tornaria a mulher escrava desse mesmo desejo, sempre inquietante e insaciável? Como diz a autora, o rompimento dos limites repressores patriarcais possibilitaria "a necessária abertura para a ressingularização do relacionamento homem/mulher, no sentido de torná-lo humanamente habitável", sem marcas de opressão" (p. 84). E repetimos a pergunta de Nádia Battella Gotlib: "Mais uma utopia?"

ELÓDIA XAVIER ■